

## O texto, um texto... como se escreve?

Sara Guimarães Nunes

Encontro em *Água Viva*, de Clarice Lispector, uma certa forma de incentivo para o início dessas linhas, quando me vejo diante da vastidão de uma folha em branco que parece, a princípio, só causar “branco” e entrar qualquer tentativa de escrita. Diz-nos Clarice: “Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente”. Tentemos agora tomar gosto pelo que me proponho discorrer: algumas das dificuldades do ato da escrita, de uma produção literária, se é que posso dizer assim, aproximando tais procedimentos daqueles que se empreendem numa experiência de análise, usando, então, a fala, portanto, o texto oral.

Ora, no que concerne ao texto escrito, parece tão simples para uns, difícil e quase impossível para outros, ainda que também desejosos de escrever suas idéias, questionamentos. Assim, parece comum, de início, um sentimento de banalidade/trivialidade em relação ao que nos propomos partilhar. Ao mesmo tempo, há um emperramento, guiado por nossas críticas, que nos impede de falar, dificultando a evocação de tais registros. É sabido, por exemplo, que as rasuras das crianças em fase de alfabetização contêm escrita, muitas vezes mal interpretadas por seus educadores, que as apontam como erros, por não reconhecerem o sentido, a interpretação da própria criança diante desse tempo necessário ao seu aprendizado.

Percebo uma diferença. Uma coisa é pensar um tema, anotar os pontos que pretendemos tratar; outra coisa bem diferente é transcrevermos na folha de papel o mesmo deslizamento de sentidos que conseguimos na intimidade dos nossos pensamentos. O ato da escrita envolve-nos em tensões, causando estranhamentos e surpresas.

Ou será que arrisco uma generalização, e que nem sempre isso acontece com artistas da palavra, os escritores, sejam romancistas ou poetas?

Vale citar o escritor português José Saramago, ao permitir-se certa liberdade em suas construções, e, mesmo inserido no código da língua, na gramática, expressa inovações vocabulares as mais criativas, e, inserido no sistema da linguagem, tece surpreendentes e inusitadas recombinações. Apelam os cultores da palavra por uma *liberdade* na escrita. E cito mais uma vez Saramago, que tem por estilo inovar na pontuação dos seus textos, ao usar uma letra maiúscula entre uma oração e outra, mesmo sem utilizar o ponto final, e nem tampouco usar travessão ao ceder a palavra a um personagem, quando reconhece nesse recurso uma possibilidade de o seu texto vir a pertencer ao leitor, acreditando na singularidade deste, ao tornar-se também um autor, ou um co-autor, ficando responsável por tais pontuações à medida que for lendo, podendo, assim, re-significar o escrito.

Algumas vezes me ocorre pensar nos impedimentos, nas interdições para a construção de um texto, por imaginarmos, a princípio, uma idéia genial para publicarmos. Não é sempre que temos um Freud ou um Lacan, e outros pensadores na Psicanálise, que tanto contribuíram com suas idéias que conseguiram passar para a escrita. Mas creio que não devemos nos inibir diante do que nos interdita, pois a barra que nos funda em nossa divisão enquanto sujeito (refiro-me ao sujeito revelado pela psicanálise), um sujeito de linguagem, portanto, banhado de desejos, sendo desse lugar que o dizer desdobra-se. Aí encontra-se a matéria-prima, transformando a ficção do sujeito em verdade do inconsciente.

Freud, em sua experiência clínica, animava suas analisantes a tomarem a palavra, principalmente quando advertido por uma delas, pedindo que a deixasse falar, daí o nome *talk cure*, cura pela palavra. Eis um princípio da psicanálise, ver qual a verdade que traz o sintoma, ler no sintoma e em todas as formações do inconsciente, situar o desejo do sujeito. Assim, se para alguém que envereda na tentativa de produzir um texto escrito os caminhos não parecem nada amenos, tampouco o é para o analisante, quando, na condição de narrador de sua história, conta ao analista *o que sabe sobre o que não sabe*. Inserido nas resistências por dizer, insurge nas repetições o novo, o reencontro do até então esquecido, mas jamais apagado. De uma linguagem transmitida pelo Outro, o sujeito lança-se numa aventura de recriar, re-significar numa outra leitura o texto herdado, recebido, permitindo-se co-autor das linhas que o estruturam.

A despeito das dificuldades de uma produção, seja de um texto literário, ou mesmo o do analisante diante das castrações simbólicas, fundamentalmente remetido, parece-nos possível um certo atravessamento dos fantasmas sobrepostos nos feixes de linguagem, que ameaçam psiquicamente o sujeito, trazendo-lhes impasses.

É interessante que não pensei em iniciar esta fala como o fiz, e esta constatação de uma imprevisibilidade no dizer deixa-me contente. A Psicanálise do Traço é um lugar em que sinto um caloroso acolhimento das palavras de quem aqui vem falar. Pensei, então, nesta conversa entre amigos e colegas, em esboçar algumas considerações acerca dos volteios de uma escrita, refletir se há um *saber escrever*. E, diante das indagações que surgem, constato que a etimologia da palavra *saber* está relacionada com *sabor*, do latim *sapere*. Aponta-nos a etimologia para o significado de saber: não reduzido a “ter conhecimento, ciência, informação ou notícia”, mas também a “ter sabor, agradar ao paladar”. Assim, *saber* também significa *sabor*, aproximando talvez o prazer da escrita do prazer saboroso da goiabada de Maceió, que alguns de vocês já conhecem. O que seria mais fácil: o ponto certo da goiabada ou o ponto certo da escrita, sem faltas nem excessos?

Enfim, o texto, **um** texto... como se escreve?

A aporia já começa no título. *O* texto, *um* texto... usaremos o artigo definido ou o indefinido? Definir convoca perdas, circunscrevendo o texto às regras gramaticais necessárias, seja ao falante, seja àquele que escreve, inseridos nas leis da linguagem. Certa de não poder escapar da *língua materna*, insisto em tecer/torcer algumas linhas que rendam um texto mais leve, menos denso de teorizações, estas muitas vezes impossíveis de não serem mencionadas, mas que algumas vezes nos fazem prisioneiros, ordenando uma retórica do falar bem. A psicanálise, em sua prática, não se propõe a cura dos sintomas, mas por outro lado, possibilita uma folga das amarras do dizer, quando, através das desconstruções da historicização do sintoma daquele que vem confiar seus tormentos a um psicanalista, ou, mais precisamente, do trauma patógeno, avança sem dar conta do início, e num só-depois reconhece as torções de um passado/presente atualizado no seu cotidiano. Consiste numa desconstrução que promove a construção de um saber do sujeito acerca dos desejos que o norteiam, os quais o constituem. E na condição de analisante, que se transforma em tradutor de sua narrativa, dando conta do que pensava não saber.

Retornando a literatura, lembro-me de Virgínia Woolf, em seu ensaio literário *Um teto todo seu*. Dentre outras tantas preciosidades que nos aponta nesse ensaio, interessa-me aqui citar como ela inicia o seu texto, valendo-se de todas as liberdades e licenças de um romancista contando que, ao ser convidada para falar sobre “As mulheres e a ficção”, após várias reflexões sobre o que diria acerca desse tema, sentou-se à margem de um rio e começou a pensar sobre o sentido dessas palavras, o que poderia significar a mulher e a ficção. Ponderando como nortearia a sua fala para a tal conferência, depara-se com o que considera um inconveniente fatal: “Jamais conseguiria chegar a uma conclusão”, pelo que entendia como um dever de um conferencista. E segue dizendo: “Mentiras fluirão de meus lábios, mas talvez possa haver alguma verdade no meio delas; cabe a vocês buscarem essa verdade e decidirem se vale a pena conservar alguma porção dela. Caso contrário, naturalmente jogarão tudo na cesta de papéis e esquecerão do assunto.”

Essa liberdade de expressão, creio dever-se à aguçada sensibilidade humana que percebemos em Virgínia Woolf, transpondo em palavras o que constitui as nuances do humano, como a dúvida, a insegurança, o desejo por reconhecimento e por sentir-se útil e produtiva. E tece, nesse belo ensaio, os fios que enredam o cotidiano de uma mulher desejosa pela arte literária. Anima-nos, com seu escrito, a sermos leitoras e escritoras destemidas, encorajando-nos ao que podemos ser, longe dos ideais, estes impossíveis. Ficamos também advertidos para um despertar para a vida, sendo lembrado, no ensaio, a todo instante, para não nos distanciarmos do que está próximo e por vezes esquecido, substituído por engodos, impossibilidades ou desculpas que só nos fazem impedir o *tempo/texto* fluir, dificultando o encontro de *uma pena e um papel em branco*, que aguardam por novas inscrições.

Dessa maneira, embalada por um desprendimento, tentando poupar o termo ousadia, é como me atrevo a resenhar essas idéias, e trazê-las para juntos pensarmos. Talvez pelo dispositivo que rege a Jornada do Traço - falar em *nome próprio* - penso ficarmos assim convocados de imediato a uma autorização, que logo nos indaga: em que consiste o reconhecimento de um texto apropriado? Como se escreve, sem perder de vista o gosto pessoal, ou melhor dizendo, nos reconhecendo no que escrevemos, nas questões que nos inquietam num tempo em que ficção e verdade ora se aproximam, ora se afastam na espera de um novo reencontro.

Desejava alguma coisa nova. Seria a tal da *idéia original*, que eu andava a procurar? Quem sabe? Não sei. Ou talvez sejam as tais idealizações de um texto, um bom texto para ser apresentado, ou, quem sabe, ainda o respeito aos cânones?

O princípio respeitado neste encontro, *tomar a palavra* e transformá-la num *bem-dizer* é o que engendra a diferença, e possibilita tentar novas maneiras de uma produção também escrita, sentido este que nos endereça sempre na condição de analisante, portanto, impossível uma conclusão, senão um recriar infindo, um *eterno e terno* surpreender-se. Eis uma maneira de participar.

Fico a pensar: o psicanalista também um escritor, um *fazedor*; trabalha em transferir o que *faz dor* em palavras, articula senão um texto, ao menos parte dele. Assim sendo, seria um desejo por escrever, numa tentativa de materializar traços do inconsciente, compondo significantes, enredando-os? Muitos dizem que escrever os protegem de não ficarem loucos. Permitem-se a si mesmos a loucura da criação literária, fazem das palavras suas maiores companheiras.

A título de encerrar o que não previ, mas me foi possível comunicar, quero também dizer-lhes que em Alagoas *o mar-beira uns Fernandinhos*, mas nem só a Fernandes reduz-se aquele Estado. Estaríamos exigindo-nos muita fé, se assim fosse. Temos, dentre tantos outros nomes que se destacaram por terem contribuído para a cultura alagoana e do Brasil, o nome de Graciliano Ramos, e permitam-me render uma homenagem pela passagem do cinquentenário de sua morte. Data que nós, alagoanos e os que nos visitam, estamos a comemorar em uma belíssima exposição que tem o nome de *O Chão de Graciliano*, entre Seminários e amostras dos seus manuscritos, pois como é sabido, gostava de escrever a mão. E por não gostar de datilografar, confiava a outra pessoa esse trabalho, mas nem por isso se distanciava do que escrevia, ficava atento a uma nova revisão, sempre a relatar a simplicidade de sua gente nordestina. E esse cuidado com as palavras, essa constante revisão da escrita, ele sintetiza magnificamente em uma entrevista concedida em 1948.

Recorro às palavras do Mestre Graça nessa entrevista, para encerrar essa fala:

“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício.

Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes.

Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota.

Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar.

Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa.

A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.”

Maceió-Al, 30/5/2003.

## Bibliografia

- Lispector, Clarice - Água Viva
- Lacan, Jacques – Escritos
- Woolf, Virginia – Um Texto todo seu